



RESENHA

TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO: DIFERENTES ABORDAGENS

LIVRO: TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO: diferentes abordagens

AUTORES: RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio (Orgs.)

EDITORA: Editora da UNIOESTE, 2004.

Arthur Breno Stürmer¹

Resumo

A obra *Território e desenvolvimento* é uma das melhores introduções à temática indicada no próprio título. Ela antecipa a essência de muitos dos debates que lhe sucederam, especialmente em torno da abordagem territorial voltada ao desenvolvimento. Com atenção ao conceito de território e de territorialidade, predomina o caráter multidimensional, relacional e transescalar no trato teórico. Aliás, o cuidado em mostrar a aplicação do conceito de território à análise regional acaba sendo um diferencial desta para outras obras do gênero. Com primeira edição em 2004, o livro representa a continuidade das contribuições à construção de uma concepção multidimensional, histórica e reticular de geografia, desenvolvimento e território.

Palavras chave: Análise Regional; Desenvolvimento; Territorialidade.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Docente do Instituto Federal de Alagoas. E-mail: arthur.sturmer@gmail.com.





O território é nos conceitos mais importantes para a geografia desde meados da década de 1990. Sua relevância se deveu, em grande parte, da necessidade de se repensar o local diante do movimento de globalização, cujos efeitos já eram muito fortes no contexto da publicação de *Território e desenvolvimento: diferentes abordagens*. Esta foi uma obra gestada a partir das contribuições feitas ao 1º Seminário Estadual de Estudos Territoriais, realizado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE – hoje na sua 9ª edição –, que permanece uma importante referência para os estudos territoriais.

Ainda que muitos pontos tenham sido reelaborados posteriormente por outros geógrafos, o mérito dos estudos presentes nesta coletânea de artigos consiste não só no registro e divulgação de atividades e pesquisas do Grupo de Estudos Territoriais (GETERR), mas têm um valor didático importante para introduzir temas de modo ímpar. A preocupação central foi com o conceito de território, a relação deste com os demais conceitos geográficos e a aplicabilidade do território aos problemas práticos. Tal é a constante ao longo do livro que, como toda coletânea, está sujeita às variações *subtemáticas* – vai-se do território ao desenvolvimento, passando pelo conceito de região e discute o território *na Geografia*, com diferentes interpretações, seus descaminhos e novas perspectivas.

O livro traz seis artigos, escritos por dez autores e organizados por Alexandre Ribas e Marcos Saquet – da UNIOESTE/FB – e Eliseu Spósito – da UNESP/PP –, em um volume compacto. O formato dos capítulos segue o padrão exigido para artigos científicos, obedecendo às normas adotadas na academia. O estilo da escrita favorece a compreensão pelo leitor não iniciado na ciência geográfica e também por graduandos da área de ciências humanas. É interessante notar que cada artigo estabelece uma relação teoria-prática, contextualizando-a, segundo *diferentes abordagens*.

O capítulo 1 discute o conceito de território utilizando-se de uma leitura sobre a formação territorial do Sudoeste Paranaense. Eliseu Spósito identifica, na geografia, três concepções/abordagens bem gerais do território – naturalista, cultural, espacial e, chamemos aqui, de “desveladora”. Mostra que o território já foi considerado elemento da natureza inerente a um povo ou nação, portanto, fixo e imutável; centrado no indivíduo, de onde se fala de territorialidade, logo, como parte da cultura; sendo sinônimo de espaço, ensejando, dentre outras, a sua compreensão como substrato ou palco dos acontecimentos; e território enquanto conceito envolvido em tentativas de omitir fatos. Entretanto, ao percorrer autores clássicos como Raffestin, chega a Milton Santos, quando então já se acumulou elementos suficientes para o leitor construir uma noção de território, não obstante inúmeras definições tenham comparecido ao debate, como a de Horacio Bozzano, a qual sobrepõe território e espaço geográfico, afirmando território como lugar dos processos naturais e sociais, isto é, reconhecendo o território como natureza, sociedade e suas articulações, juntas. Depois, Spósito enuncia as *descontinuidades* e a *escala* como mais outros dois elementos para construir o conceito de território, parte para um “exercício empírico” tomando por recorte espacial o Sudoeste Paranaense. O roteiro que se deduz é: 1º) Escolha de temas importantes para a região considerada, e que serão as “portas de entrada” para o exercício do método e da produção do conhecimento científico, tendo em vista a realidade concreta; 2º) levantamento da história de formação do território, em que pesem os temas importantes, no caso: o modo de produção e as atividades econômicas predominantes; os atores e agentes territoriais, com seus



poderes de coação e violência (empresas, Estado), de um lado, e poder gerado pela organização (agricultores), de outro, resultando na apropriação privada da renda fundiária e legalização das posses e dos posseiros; os aspectos demográficos – aumento da população e, depois, êxodo rural –; 3º) descrição dos fenômenos estudados da realidade concreta (objeto de estudo), identificação das contradições que se apresentam como *aparência*, embora revelem os nexos internos da *essência*, e, por fim, a análise e interpretação dos referidos fenômenos.

O capítulo 2 discute o território em relação às dinâmicas de integração regionalização, fragmentação e desterritorialização. Com Álvaro Heidrich se entende que as relações entre sociedade e espaço evoluíram de uma condição original a uma condição histórica através da formação da espacialidade histórica ou humanização. A relação da sociedade com o espaço estabelece uma *territorialização* e um vínculo, criando uma “fronteira histórica” em direção à “*condição territorial*”. Ela começa nas ações de defesa e disputa, evoluindo para, por exemplo, a vivência em grupo, a permanência e repetição de trajetos, a modo de “ponte entre o puro espaço e o território”. Fala-se, então do princípio da *territorialidade*. Ela é o prelúdio do território. Neste momento, o autor emite sua definição de território como relação envolvendo, concomitantemente, várias situações em que a territorialidade, claro, está presente. Diz que, se o território é *apropriação, domínio, identidade, pertencimento, demarcação, separação*, a territorialidade é manifestada já na ocupação de um espaço. Dado que as comunidades exibem graus diversos de integração de seus territórios, o autor distingue as territorialidades locais, os territórios não integrados, os territórios integrados, as integrações regionais e internacionais, as integrações globais, e, a final, a integração socioespacial fragmentada. Entrelaçam-se, pois, por esta via, as quatro dinâmicas que se queria associar ao território, concluindo a discussão com as territorialidades e a exclusão/inclusão social, e como estas geram diferentes tipos de vínculos territoriais – uma temática que continua recebendo até hoje as contribuições de Álvaro.

O capítulo 3 reafirma a importância do conceito de território para a construção do conhecimento geográfico, juntamente com os demais conceitos basilares: espaço, paisagem, região, território, lugar, além de territorialidade, rede, escala e outros. Luciano Candiotti introduz o leitor nas discussões sobre o território e territorialidade a partir de autores ainda bastante lidos, seja por serem “clássicos” da ciência geográfica desde Ratzel, Raffestin e Sack até autores muito profícuos da geografia nacional. Com Marcelo Souza, Marcos Saquet, Rogério Haesbaert e Milton Santos, o autor consegue fazer uma boa e suficiente introdução ao que se considera básico para a compreensão do conceito de território e territorialidade, sem olvidar do processo de atualização, aperfeiçoamento e criação de novos conceitos, em um movimento explicitado por Stürmer e Costa (2017, p. 51) apoiados em Deleuze e Guatarri: “Os conceitos possuem um devir, acomodam-se e superpõem-se uns aos outros, coordenando seus contornos.”

O capítulo 4 condensa muito dos entendimentos sobre os quais há consensos e contradições na geografia, especialmente devido à polissemia que acompanha o conceito de território, evidenciada por Rogério Haesbaert já de início ao agrupar as concepções de território em quatro vertentes interpretativas: a) política, que ressalta a delimitação e controle por determinado poder; b) cultural, que destaca a apropriação/valorização simbólica do território por um grupo; c) econômica, para a qual interessa ver o território como fonte de



recursos, logo envolto em disputas; d) natural, enfatizando o comportamento humano em relação ao ambiente físico. Todavia, é na explicação sobre as perspectivas teóricas sobre o território que o texto ganha corpo e importância. As perspectivas marxista, relacional, idealista e integradora abordam, cada qual, uma das várias faces do conceito de território, admitindo-se que “vivenciamos hoje um entrecruzamento de proposições teóricas” e a busca por superar a dicotomia material/ideal tão presente no debate sobre o território e a territorialidade.

O capítulo 5 Marcos Saquet mostra como o conceito de território é pensado entre autores italianos que preenchem lacunas nos estudos geográficos sobre o território e, deste modo, lhe auxiliam no trabalho em torno da compreensão do desenvolvimento pelo viés territorial – na abordagem territorial. Assim, o território é visto como resultado de do processo de apropriação e domínio do espaço, inserido em um campo de forças permeado por relações de poder econômico, político e cultural (EPC). A revisão de mais de uma dezena de autores italianos traz luz a aspectos como a concretização, de diferentes formas, das redes e territórios – de atuação e domínio – dos artesãos, industriais, comerciantes e agricultores, com atenção à territorialização; esta a única capaz de acessar as *necessidades, desejos e diferenciações* de cada lugar e momento histórico. Ao final (p. 139 e ss.), o autor faz boas e sucintas definições do conceito de território, mesclando aportes teóricos vistos anteriormente, por exemplo, considerando o território como:

(...) o chão, formas espaciais, área, natureza e ambiente construídos, e relações sociais (comunicação e circulação), de poder; tem continuidade ou rupturas no processo histórico, enraizamento e fluxos, ligações, articulações (SAQUET *in* RIBAS et al, 2004, p. 139).

O texto alerta, igualmente, para o imprescindível exercício da contextualização das dimensões (economia, política e histórica) em relação ao período histórico, lugar e dinâmica socioespacial dada pelo modo de produção capitalista, com suas mudanças e permanências.

O capítulo 6 encerra a obra retomando e dando continuidade ao “exercício empírico” iniciado no capítulo 1 – a análise do processo de formação territorial do Sudoeste Paranaense. Agora, porém, o território é categoria que pressupõe a apreensão das relações políticas, condicionando e às vezes, segundo Adilson Alves et al, determinando a configuração espacial. Acrescentando dados de fontes secundárias, os autores fazem a caracterização ambiental da região, descrevem o início do processo de colonização e a configuração fundiária, elegendo outra “porta de entrada” para a temática: a modernização agrícola.

O interessante do livro é que em todos os capítulos há a preocupação explícita com o conceito de território, como que apresentando ao leitor abordagens até certo ponto – mas não completamente – diferentes. Quando se chega ao final da obra, no entanto, o território continua sendo produzido “a partir das atividades cotidianas”, sendo o mesmo “a expressão concreta/abstrata do espaço produzido (...)” e fruto das relações de poder, em que a territorialidade surge “das relações diárias”, momentâneas, dos homens entre si e com sua natureza exterior em vários âmbitos: economia, política e cultura. Quer dizer, “a territorialidade é multidimensional” (ALVES et al *in* RIBAS et al, 2004, p. 156).



Ao de falar de território e desenvolvimento como algo que se revela não só no circuito da produção, urbana e rural, a discussão se abre para a busca de sua origem nas territorialidades (cotidianas), nos processos de produção do espaço, dos lugares e de cada território, em relação aos quais – afirma-se na boa finalização do livro – *todos somos agentes sociais construindo territórios em diferentes formas e intensidades*. E eu completo: fazendo isso o tempo todo, em uma apropriação constante do espaço (STÜRMER, 2017, p. 88).

Referências

RIBAS, Alexandre Domingues; SPOSITO, Eliseu Savério; SAQUET, Marcos Aurélio (Orgs.) **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Ed. da UNIOESTE, 2004.

STÜRMER, Arthur Breno. Território: usos e significados de um conceito. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, UEM, v. 17, n. 199, p. 80-90, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/36536/21310>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

_____.; COSTA, Benhur Pinós da. Território: aproximações a um conceito-chave da geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, PPGGEO/UFSM, v. 21, n. 3, p. 50-60, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/26693/pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

*Recebido em 25/07/2019
Aprovado em 14/11/2019*